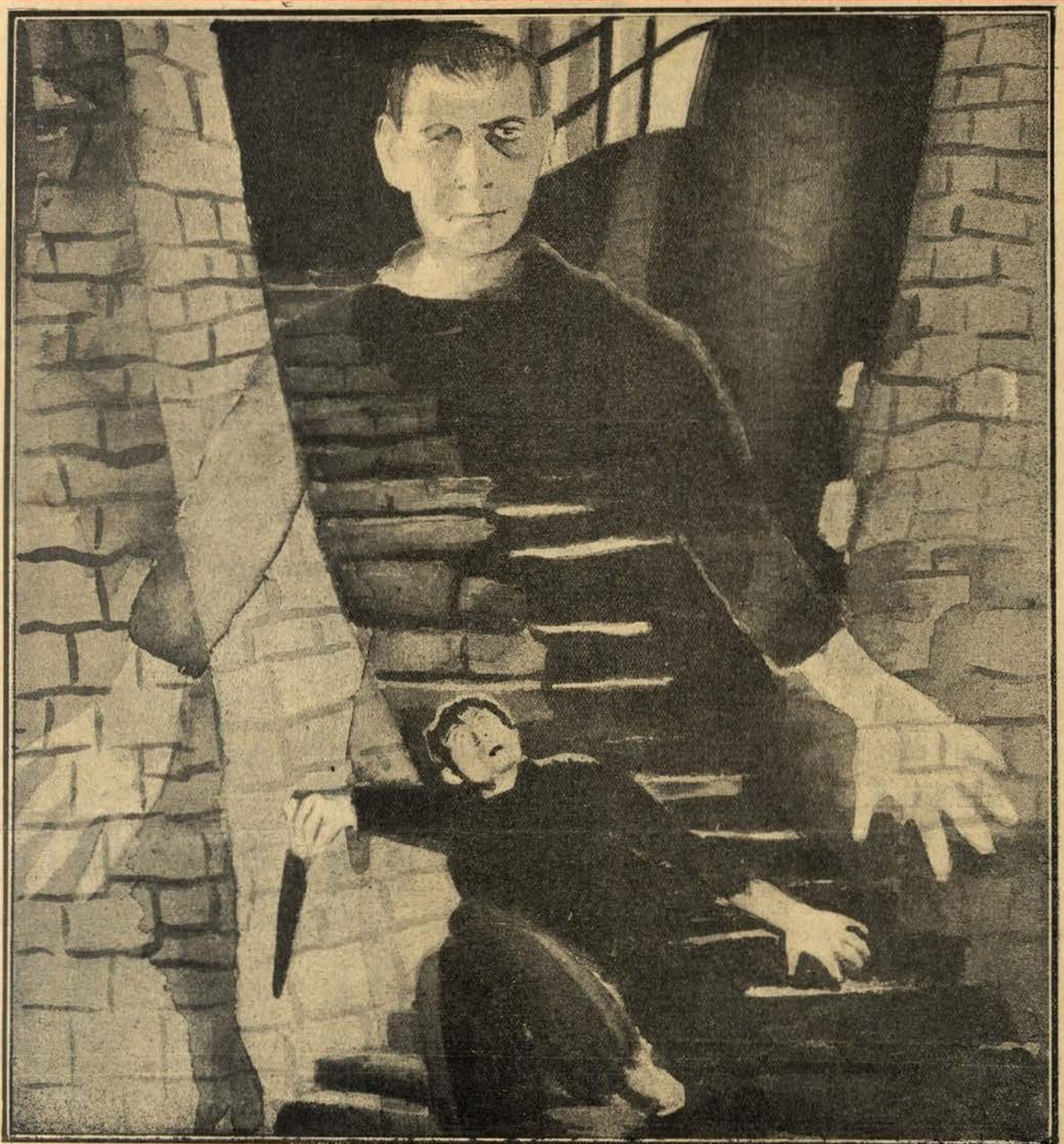


Reporter X.

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NUMERO: -Reporter X- entrevista toda a gente... - Quem era e como morreu a verdadeira Severa - O misterio dos diamantes de Santo Tirso - etc. etc.

"ELEGANTE PAVILLON"

Tomaz Nogueira Cunha & Filhos

28, Travessa da Picaria, 28 - PORTO

TODAS AS NOITES

Bailes

Diversões

Jogos

Aberto toda a noite

(ANTIGO PRIMAVERA)

CARTAZ

Espectaculos recomendados
pelo «Reporter X»

TEATROS

Nacional — 9 1/2 «1808»

Trindade — 9 1/2 «Flor de Liz»

Avenida — 8 3/4 e 10 3/4 — O Dia das Romarias

Variedades — 8 3/4 10 3/4 «Pim! Fam! Pum!»

Maria Victoria — 20,45 e 22,40 — Cova da Piedade

Colizeu — 21,50 — Luta e Variedades

Capitolio — 21 — Variedades

CINEMAS

S. Luiz 9 1/2

Tivoli »

Central »

Odeon »

Terrasse »

Royal »

Palacio »

Olympia »

Paris Cinema »

Liz »

Fuopa »

Palatino »

A Promotora »

Imperial »

Salão Ideal 19

Todas as noites

TEATRO NACIONAL

A'S 9 1/2

GRANDE EXITO

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

«1808»

«JUNOT»

Original de **Reinaldo Ferreira** «Reporter X»

Brilhante desempenho — O maior exito da temporada

TEATRO VARIEDADES

DUAS SESSÕES — A's 8 3/4 e 10 3/4

A REVISTA FORMIDAVEL DE INTERESSE
E DE CRESCENTE NOVIDADE

PIM! PAM! PUM!

Luiza Satanela, no «cartaz da moda»

QUERO VÉR VOCE CHORAR

Beatriz Costa, no COCHICHO Tango

Dramatico e FADO DO POVO

GRANDE EXITO DO QUADRO «HAJA ONIÃO»

TODAS AS NOITES

PIM! PAM! PUM!

Triunfa no VARIEDADES

Pensão Familiar

Uma pensão é, muitas vezes, preferível a um hotel quando, reunindo todas as qualidades de um hotel e duma pensão, evita os defeitos de uma coisa e outra. Eis o motivo porque o REPORTER X recomenda a todos os seus leitores que veem a Lisboa a

Pensão Familiar

na Rua Ivens, n.º 49, segundo e terceiro andar, (Telefone 20783) de Frederico de Almeida Duarte. Comodidades modernas, asseio impecavel, socego, seriedade severa, conforto intimo, uma mesa sã, saborosa, variada — das melhores da capital, uma escrupulosa seleção nos hospedes, tratamento de primeira ordem — e preços fora de concorrência.

VISITE A

Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos
e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone 3219 N.

L I S B O A

Quem tem «casa» de vidros...

Falamos recentemente no segredo tenebroso e inicial de certas grandes fortunas... Pela selagem do envelope — os leitores viram que o radio levava agua... no bico da caneta que o redigiu — ao interceptar. E levava — agua — um pouco esverdeada... Os senhores conhecem seguramente uma casa sem rival no negocio (e não sabemos se na industria) de vidros, cristais, espelhos — cuja fundação e fundador se perdem na neblina dos tempos e cuja pomposa taboleta se exhibe numa das ruas estreitas e sombrias que cozem o Rocio à Baixa...

Contemos a historia — ou pelo menos o prologo, porque ella é longa e o nosso espaço não é para esbanjar. Um modesto empregado, homem simples, pobre, com um passado sem mancha, casado, pai dum filho, sem auxilios de qualquer especie e uma saúde precaria, perdeu, devido à doença, o bom logar que possuira durante muitos anos — e após meses de chomage entra para a tal casa... Aceita a proposta que lhe fazem — embora a considere vexatoria — porque, infelizmente, a miseria o asfixia e não lhe permite esperar outra melhor. O patrão, o herdeiro do fundador de que já falamos (e que, simultaneamente aos vidros negociava com outra materia mais fragil ainda, com depositos cunicamente instalados sobre os dois armazens de cristais que instalara em Lisboa — base da sua enorme fortuna) um rapaz de trinta anos, idade habitualmente generosa, era o mais tirano e cruel dos patrões. O ordenado — cento e poucos escudos semanais — não era mensal para poupar os domingos! Se o desgraçado tinha de ir ao medico e perdia uma hora — era-lhe descontado meio dia. Mas se nos outros dias o horario obrigatorio se dilatava até às 8 ou 9 da noite, — os da falta, apesar do desconto — prolongavam-se até às 10 e 11 horas! Os escritorios eram focos de doença! Apesar dos vidros sobrarem por toda a parte — os guarda ventos estavam sem vidros, sendo, no inverno, verdadeiros punhais que o obrigavam a trabalhar de sobretudo vestido. Bancos não havia — por economica prudencia, vendo-se na necessidade de passar dez e doze horas a pé firme. Ao cabo de mil reclamações, o patrão comprou um banco sem fundo num adelo, mandou-o remendar de forma tal que o pobre empregado rasgou as calças no primeiro dia. Resignava-se — porque outros mais velhos, mais antigos e mais infelizes se resignavam tambem. No seu lar a necessidade era companheira de todas as horas. Ninguém — nem o filho — comia o que tinha na vontade. O parco ganho semanal jamais era recebido integralmente: havia sempre pretextos para descontos e multas. Um sabado, porque uma factura saira errada — não por sua culpa — apenas recebeu 40 dos miseraveis cem escudos! Veiu uma temporada fatal. Doença sem doença! A tuberculose que ha muito o ameaçava assinou a vermelho na premiere com uma himoptise! A esposa e o filho, revesavam-se no leito. O medico receitava remedios que eram o segredo da cura e ordenava, sem ironia, uma super alimentação.

Nunca fomos indulgentes com os que faltam aos seus deveres — nunca! Nunca os desculpamos — e muito menos os aplaudimos. Mas este pobre chefe de familia estava entre um dilema de vidas e de mortes. Vem a primeira tentação; a segunda; seguiram-se mais — durante os seis meses de fatalidade. Somava alguns pouquissimos contos

de reis! Quando viu a esposa e o filho convalescentes e embora a sua tuberculose não estivesse nem sequer adormecida — serrou, reparou em si proprio e confessou tudo ao patrão. «Dê-me apenas o tempo e a occasião de pagar-lhe o que lhe devo — e eu juro que lhe pago tudo, nem que tenha de não dormir!» A esposa foi ajoelhar-se com o filhinho pequeno aos pés do nababo e depois de lhe provar a verdade — supplicou-lhe o perdão! « — Nunca!

Os ladrões vão para cadeia!» O desgraçado foi para o Limoeiro — e na revolta viu claro: o pior conselheiro que tivera fora o proprio patrão. Não fora elle que o obrigara a ser seu cúmplice em tantas maringaldas... comerciais? Então ele que pecara para salvar a esposa e o filho da morte — depois do sacrificio da miseria resignando — era um ladrão e para os ladrões só havia cadeia — e o tirano, herdeiro de uma fortuna

muito embora fossem infinitamente opostas as razões e a gravidade das causas? Mas nós voltaremos ao assunto...

O relógio da «Mundial» e o sr. Plácido

A «Mundial» era celebrada em Lisboa, quanto mais não fosse pelo seu relógio.

Todos os que passam ou vivem no Chiado, contavam com o relógio da «Mundial» como com um relógio proprio. Um belo dia desapareceu. Panico geral! Discussões! Hipoteses varias. Teria sido algum ratero que mesmo a tão alto erguisse as suas garras?

E' muito possivel que o relógio fosse o iman da curiosidade. E ao investigar as causas do desaparecimento do relógio — soube-se o que não se pensava saber. Que emocionante folheim se desbobina por detrás daquelas paredes! Quem podia contar tudo era o sr. Plácido... se cá estivesse. Mas não está — e não sabemos onde pára. Quando o soubermos iremos perguntar-lhe...

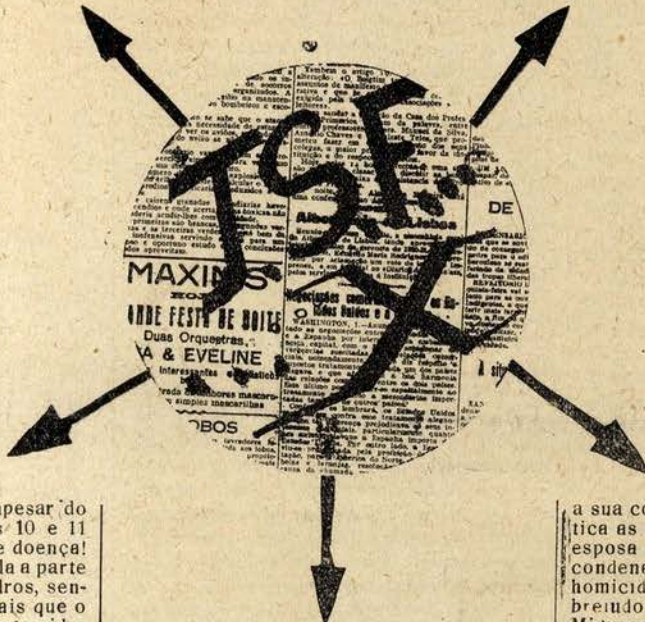
A cigana detective e a lealdade jornalista

Temos da lealdade — seja pessoal ou profissional (não conhecemos a diferença entre uma coisa e outra, estamos fartos de o dizer) um sentido dogmatico. Modestos como somos e apesar da preocupação constante do sensacionalismo e das grandes reportagens ineditas de que nos acusam — jamais faltámos a essa lealdade; e senão que nos digam quando e como.

Ha tempos — ha meses quasi — o «Reporter X» acompanhou passo a passo, ajudando, não só com a sua publicidade e com a sua intervenção, mas até com a sua colaboração mais activa e entusiastica as investigações de «cigana-detective» esposa do desditoso cigano José Calixto, condemnado a pena maior por crime de homicidio e cuja innocencia ella, nós e sobretudo o dedicado e intelligente detective Miguens conseguiram provar.

Foi um caso que comoveu o publico, que esteve na ordem do dia, que está no epilogo visto de que a justiça é a primeira a apressar a reabilitação do desgraçado e que nós só abandonamos quando vimos o direito vencedor! Pois bem... Os grandes diarios, os colossos, o Seculo, o Noticias, etc., deixam — passar algum tempo sobre o nosso triunfo — que mais do que jornalístico é de solidariedade humana — e vem a publico, num alvoroço de caixa, contar em termos pirotecnicos a historia do cigano Calixto, condemnado innocentemente, dizendo (e falando a verdade) que o agente Miguens ia iniciar as suas diligencias — sem fazer a menor referencia ao nosso semanario, o unico que tratou da questão, que luctou, que acompanhou toda a trajetoria deste doloroso romance... Assim é muito facil fazer jornalismo sensacional — e não fica bem a colossos como aqueles colegas de que falamos. Se tem pudor de nos evocar, por sermos modestos — bastam piparotearem uma vaga citação... Não queremos nem esmolamos lisonjas — mas exigimos o que é de direito: lealdade!

Ha tempos — ha meses quasi — o «Reporter X» acompanhou passo a passo, ajudando, não só com a sua publicidade e com a sua intervenção, mas até com a sua colaboração mais activa e entusiastica as investigações de «cigana-detective» esposa do desditoso cigano José Calixto, condemnado a pena maior por crime de homicidio e cuja innocencia ella, nós e sobretudo o dedicado e intelligente detective Miguens conseguiram provar.



vergonhosa de que já falaremos — estava em liberdade?

A justiça não era igual para todos —

Quereis dinheiro? Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo SEMPRE SORTES GRANDES!!!

LEIAM

Reporter X

Prefiram sempre as Canetas EAGLE

Homens & Factos do Dia

Era uma vez um doutor e um jornalista...

EÇA esgotou, no seu admirável elenco de caricaturas, a fauna dos ridiculos nacionais. Não é possível, mesmo hoje — cinquenta anos volvidos — rotular qualquer figurino das nossas grotescas «élites» — sem fazer uso das etiquetas criadas pelo espelho concavo e genial do autor da «Religiosa». A frequência com que tolos nós evocamos, pelo índice de Eça, a trupe dos «clowns» mais ou menos catitos e pretenciosos da nossa sociedade tornou-lha num lugar — comum irritante — se não fosse, sobretudo, a mais honesta e eloquente das sínteses literárias. E assim como não se pode criticar um escritor porque recorda o «Pai de Amaro», o «Alencar», «Teorico» ou «D. Diogo» ao contra-scenar os herdeiros inconfundíveis e irremediáveis desses tipos, eternamente portugueses — não existe perdão nem desculpa para os que têm o impudor — ou a inconsciência — a «coragem do ridiculo» ou a insensibilidade de se embainharem à justa nesses evolucões humanas e de se pavouarem dentro delas com a prosapia de quem põe o arcaez de Carlos V — ou de quem se fregolisa com um manto imperial. E existem muitos... Um exemplo...



Ha poucos dias li uma carta aberta da Universidade de Coimbra dirigida a um dos espiritos mais brilhantes, mais cultos e a um dos caracteres mais dignos e nobres da nossa literatura moderna: Rocha Martins. Li e reli a carta — e se não fosse o grotesco que me cozeu e fez rir a bom rir — teria resvalado numa tristeza mui dolorosa, num desanimo mui amargo...

O ridiculo começa na basofia do capelo... Provação está que neste país quasi todos os desastres e fracassos pertencem aos doutores. Mas é possível no século XX julgar que o talento se adquire em Coimbra, como a saúde na farmacia que vende Pilulas Pink!!? Que o talento sem cultura é como motor sem essência? Gomez Carrilho, considerado o mais culto dos escritores do idioma castelhano — e do francês, visto que a França considerava francesa, a sua obra — jamais frequentou uma universidade, — e nas polemicas com os doutores, em qualquer que fosse o campo, saiu sempre triunfante!

Mas — até aqui o epistolario repeté apenas as teorias do «Acacio». Pretendeu ele, do alto da sua importância catedrática, esfalar com um sopro de prosa o escritor, his'oriador e panfletario que não sonbera conter-se ante as suas momices. E para provar a gravidade da sua impotencia mental basta o facto do ilustre doutor não rasgar a carta depois de escrita e de a fazer publicar — o que é mais grave ainda. Como quer esse

ilustre cavalheiro impor-se ao adversario — se a sua mentalidade nem chegou para medir o ridiculo da prosa com que se pavoneia de espadachim, se nem sequer mede a distancia que vai do ataque de Rocha Martins á sua pirueta com pretenções dogmaticas de um Grassine bailando pela mlessima vez o escravo «Dherazade»?

Existe, em todos os países, umas pseudos «élites» agrupadas na provincia, que detestam a electricidade, a aviação, a T. S. F. e que, como todos os catilinhas provincianos, fazem sonetos e se julgam seres superiores. Ignoram a vida moderna; descem as grandes cidades timidamente e transformando, no regresso essa timidez num odio contra todos as realidades da civilização que não tiveram a coragem de provar. Depois, inspirados pelas caturrices das avós, procuram criar uma nova teoria social, uma amalgama de todas as teorias de crueldade, de injustiça, de ignorancia das eras enteriadas na eternidade; e por fim, avivando os coloridos, escomoteando frases dos proprios adversarios, apresentam a sua formula como mo'ternissima — rinto-se dos homens do século XX... porque são retrógrados, ridiculamente atzavados. Avança os, eles — que aspiram as trevas mediavaes, ao absolutismo, ao feutalismo... com os nomes pomposos que foram servir aos enenigos! Calculem os senhores que certo maduro negava numa sege do tempo de D. João V e applicava o mais moderno dos motores aquelas rodas enormes e inadaptaveis ao esfalto e a outro tiro que não seja animal! Calculem que esse pitoresco Edison exclamava: «O que são os automobilistas, os aviadores, a meu lado? Ginjas ridiculos, amantes da poeira, viciosos de ranê! Eu, só eu e os que quizerem viajar nesta maravilha é que são dignos do cognome de civilizados, de avançados de amigos do progresso!»

Se houver quem diga que as teorias do conselheiro que preten leu esgrimir contra a argumentação poderosa de Rocha Martins não está sententisado nestas imagens — que o prove! Ah! Mas não prova! Conheço a sua argumentação. E' sempre a mesma — e essa já o sr. João Ameal a traduziu da «Action Française» no primeiro artigo que escreveu e repetiu em todos os artigos que publica três vezes por semana no Diario de Noticias.

Reporter X

Os 9 contos que o sr. Ferra ferrou...

a um empregado da C. N. N.

NAO fazemos campanhas por tecnica, odio ou calculo — pela mesma razão de que nunca nos calamos quando é preciso falar: por dever de jornalistas que fiz-ram do seu metier algo de mal mais nobre e elevado do que um irio ganha pão. Fomos dos primeiros a holofotear os scenograficos templos de Salomão da C. N. N. e suas sacristias labirinticas. Dissemos tudo, sem espalhafatos, sem gran eloquencia, e esgotado o assunto deixamo-lo aos chercheurs des bouts de cigarretes. Era mesmo tensão nossa nunca mais vol-

reporter

O SEMANARIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRAN-

GEIOS — Sai às sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade Rua da Horta Seca, 7 — Tel. 2 5787 End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Delegação no Porto: R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391

Composição e Impressão

Rua da Horta Seca, 5 — LISBOA

3 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850 6 » — » » 25 » — Esc. 22850 12 » — » » 52 » — Esc. 44850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

tar a ele — se não quando novos escandalos atingissem a nossa «T. S. F. X». Mas um novo episodio nos alertou e este, sendo apenas afluente do caudaloso «Rio N. gr» — não pode sumir-se, afogado pelo nosso silencio.

Já revelamos alguns aspectos do caso do nosso amigo Augusto Guedes, ex-chefe dos serviços aduaneiros da «C. N. N.»; provamos a quasi tenebrosa manobra da «C. N. N.» contra este honesto funcionario; faltava falar num des-embolso de nove contos — que foi um dos «premios» que Augusto Guedes mereceu em paga dos seus sacrificios, honestidade e dedicação — e que, pela pasmosa imoralidade que revela, não pode ficar impune. Contemos os factos. Um dia, um dos directores da Companhia — sr. Quaresma Ferra, entrando no gabinete do então chefe aduaneiro requisitou aquela quantia (9.000 escudos). Como Augusto Guedes julgasse, naturalmente, que se tratava de uma exigencia urgente de serviço, o porvir de um director — não hesitou em des-mbolçar a soma solicitada sem pedir nenhum documento comprovativo. Nunca mais o digno director deu contas desse levantamento; e quando Guedes abandonou a Companhia — esgotou todos os processos possíveis e imagináveis — mas correctos para receber os nove contos — conseguindo apenas... vagas promessas... Farto de cinismo do devorador e venlo a inutilidade de todos os esforços — resolveu recorrer aos tribunais — tanto mais que a quele dinheiro lhe fora arrancado como exigencia de superior para subalterno, o que agrava imenso o abjectivo da questão... Qual não foi, porem, a surpresa de Augusto Guedes quando o sr. Ferra, depois do teste-

(Conclue na pag. 5)

Aventureiros Internacionais no Imperio Colonial Português

Introdução — Moçambique misterioso — Quem é o espectro da emigração indigena — Desnacionalização? — Um satiro...

CONFORME anunciámos no numero anterior, vamos iniciar uma serie de reportagens sensacionais — autenticas revelações sobre a vida misteriosa de alguns dos mais notaveis aventureiros internacionais — dos mitos que infestam os nossos dominios ultramarinos, o nosso vasto Império Ultramarino.

Moçambique, colonia internacionalizada pela sua situação geografica e economica oferece-nos um dos mais variados palcos para fôco do nosso oculo prescruador.

Bem sabemos, e para isso bastou consultarmos, atentamente as nossas fichas coloniais, que a maior parte destes aventureiros internacionais, hoje, como ha muitos anos — desde o tempo da occupação e pacificação — conseguem occupar situações de destaque e até influencia nos meios particulares e officiais. Não podemos esquecer isto que nos obrigará a fantasiar os nomes dos personagens a que nos vamos referir. Só os nomes serão fantasias; porem; o resto, os factos serão factos autenticos — revelações incontestaveis. A nossa esperança, fazendo estas reportagens sensacionais resume-se em continuar a desvendiar aos nossos leitores alguns segredos das vidas misteriosas dos aventureiros internacionais que mudam em Portugal e nas suas Colonias, à sombra da nossa excessiva generosidade — daquela generosidade pi-gas que geralmente empregamos para os outros, só para os outros...

O grande negocio ao sul do 22.º

Sabem os nossos leitores, certamente, que existem na Africa do Sul lindas cidades modernas entre ellas avultando Johannesburgo — New-York miniatura — cidades do ouro, dos diamantes, do luxo... E não duvidam, certamente tambem, que Lourenço Marques, por reflexo de visinhança sofre dos vícios dos grandes centros mundanos — o luxo o prazer e as diatribes dos aventureiros baratos e caros.

Os primeiros, geralmente uns infelizes megalomanizados pelo convívio com os outros, acabam por ser vencidos porque, simples emulos, faltam-lhes as bases seguras duma situação velha, limitando-se a ser pobres serventários do vicio dos outros. Esses sim. Bem instalados na vida, mais ou menos implicados nos mesmos negocios — *fellows associates*, como diria Edgar Wallace — não se reformam facilmente e o seu apêlito — nunca cançado — não permite mais lugares à mesa... Entre esses, e em evidencia é que o nosso oculo vem a descobrir alguns dos *Internationals* mais interessantes.

Johannesburgo, Lourenço Marques, Inhambane e as três nom-s... três cidades, três regiões intimamente ligadas pelo mesmo interesse forte como uma cadeia de ferro. E' aqui que manobram alguns dos mais viscosos *Internationals* de Moçambique. E' necessaria essa organização? E' conveniente para ambas as Colonias a sua acção? Não nos compete

aqui discuti-lo — principalmente agora, pois nos propomos simplesmente escarpelar a vida de alguns dos membros internacionais que manobram à larga dentro desses interesses onde ha, incontestavelmente, pessoas da maior respeitabilidade tambem.

A organização a que nos referimos é conhecida por um conjunto de iniciais maiúsculas que denominaremos por X. P. T. A., (Limitada) Pois a X. P. T. A., (Limitada) tem a seu serviço um dos mais conhecidos e antigos membros da colonia estrangeira de Lourenço Marques Ambicioso, jogador e bebedor inventivo, este homem que affirma ter um curso superior — sem nunca o ter rep tido em qualquer das universidades portuguesas — permitte-se os maiores luxos duma vida faustosa.

Ele é bem o espectro da emigração indigena para o Rand. Falando correctamente todas as linguas (até o português fa'a bem esse senhor), nunca se sabe bem onde pára e a que manobras está a proceder...

Uma vez em Johannesburgo, estudando a forma melhor de lançar uma nova moda de bugangas para que o indigena deix-a boca da mina — quando lá não lhe fica a vida — os poucos patacos que ganhou; O Doutor logo dias depois atravessa Lourenço Marques e surge em Inhambane. Os *compouns* estão pouco animados?

Ele aí vai, sobre um cavallo, bem acompanhado, de visita aos chefes das tribus, onde e palna à mão cheia moedas de prata — de prata inglesa — o que faz um triste e pernicioso contraste com o papel moeda nacional... Depois, à noite o velho, satiro e alcoolico, recebe no seu acampamento crianças negras — com pouco mais de dez anos, — nas quais exerce verdadeiras atrocidades de leza humanidade...

Paga essas emulações com ouro — belo ouro do Rand o mesmo ouro que os pobres lan-lins vão arrancar ás profundezas das minas para gloria, honra e prazer da colonia visinha e de alguns aventureiros audazes...

Não ha duvida que este habilitoso homem d'Affairs tem realizado algumas obras generosas... a ele devem os interesses da X. P. T. A. (Limitada) a corrente voluntaria e nunca escassa de emigrantes, pois foi ele, segundo nos informam, quem habilitou e criou entre os indigenas as honrarias e direitos — quasi nobreza — para aqueles que fossem á minas. Foi ele o inventor macabro do titulo de *Magaissa* hoje ambicionado por todos os homens valiosos ao sul do paralelo 22.º!

Magaissa, titulo que embriaga, esperança fugaz de venturosos dias.

Pobres landins. Pobres indigenas, que vivem indifferentes a toda a riqueza que os rodeia, na propria terra, inutilizados pela ambição do ouro — do titulo d'honra... Trabalhar a terra, arrancar das entranhas do solo o seu bem estar, o sustento dos seus, numa vida simples e saudavel tornou-se vil destino.



Ir ao Rand, ganhar ouro, extrair o torpe metal, ser tratado a chicote, contrair as peores doenças, voltar tuberculizado e inutil, isso sim, isso é nobre, é ser *Magaissa*.

Pois segundo nos contaram, ha anos, cinco ou seis, esse mesmo Doutor, velho de muitos anos, com filhos crescidos, teve o impudor de comprar uma pequena de 18 anos incompleto, a um pai, estrangeiro tambem, falido material e moralmen e pelo vicio do alcool que ele, o satiro, ajudou a arreigar...

Não ha Moçambicano que não conheça este sr. Doutor... A Empresa a que ele pertence, aquela de muitas iniciais, deve conhecê-lo e bem faz a — porque, estamos certos, não deseja oficialmente tumar a responsabilidade e dest-se actos — afastando-o, bem pago, é claro, como premio da sua actividade...

Is-o era assim ha cerca de 6 anos, segundo as nossas fichas coloniais, um pouco p' actualisar — o que porem estamos fazendo activamente.

Será ainda assim? Todo o tempo é tempo para acabar o mal.

Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pág. 4)

munho de varias individualidades de indistincta importancia social — entre os quais dois *directores, colegas seus na companhia* — declaru á justiça que *não havia recebido quantia alguma do ex-chefe ajuaneiro nem tivera negocios com ele, levando o seu torpet a considerar o queixoso como usando de má fé...*

Quando o sr. *Ferra a ferra* — é calote serio e ainda por cima caluniador. Ah! C. N. N.!!! Não nos obriguem a voltar á carga...

Foto-Radio JACINTO & GRAÇA, L.ª

Artigos fotograficos, chapas, films, pliculas, papeis, productos e accessorios — Maquinas fotograficas, Montagem e reparação de aparelhos e T. S. F. — Montagem de antenas. Pessoal habilitadissimo

Trav. Sá da Bandeira, 14
PORTO — Telefone 412

REYNALDO FERREIRA

O que foi e como decorreu o almoço da homenagem oferecido ao nosso Director

Um grupo de amigos íntimos de Reynaldo Ferreira, nosso querido Director, resolveu por iniciativa do nosso camarada de trabalho Silvino de Magalhães, organizar um almoço em sua homenagem. A oportunidade era justificada pelo notável e justo successo que obteve a peça «1888», em cena no «Nacional», com a qual Reynaldo Ferreira firmava inilivelmente o seu nome de autor teatral e dos mais apreciados do publico.

O Restaurant Tavares — o mais elegante Restaurant da capital — esteve em festa no domingo pass do. Festa de artistas, festa de intellectuais, decorreu num ambiente de elevação e fraternal carinho pelo homenageado. Mais de oitenta pessoas se inscreveram para este almoço — nomes ilustres nas letras, no fóro, no jornalismo, no teatro — o que demonstra como é, de facto, apreciado e quer do Reynaldo Ferreira, no meio intellectual português.

Ao ilustre jornalista Belo Redondo, coube a leitura da correspondencia. Dezenas de telegramas e dezenas de cartas. Camaradas, artistas, nomes ilustres, simples amigos e admiradores. A preséncia da meza foi entregue ao Sr. Dr. José Pontes, jornalista e conferencista português, dos mais conhecidos e apreciados no estrangeiro, que fez discursos, com um notavel improviso, em que fez reviver grande parte da vida passada do homenageado de quem fóra camarada na «Capital», onde o viu lançar-se na vida jornalística — na luta heroica do jornalismo sincero e honesto — muito jovem ainda, quasi um imberbe. Acabou por afirmar que Reynaldo Ferreira era um vencedor; o seu passo cadenciado e seguro percorrera já uma longa estrada cheia de dificuldades, dificuldades que soube vencer.

Seguiu-se no uso da palavra Julião Quintinha, que saudou o homenageado pelo seu talento e qualidades de caracter. «Homem do povo, trabalhador simples mas sincero, saudava no seu camarada um dos mais ilustres homens do povo que tambem soubera vencer nas letras e conquistar um justo lugar de destaque no jornalismo, na novela, no romance e no teatro. Depois o Sr. Dr. Mario Duarte, autor e actor tão apreciado, leu um brilhante discurso. Antonio Certima, o poeta sensibilissimo do «Jardim das Carcias», o forte e tragico pintor literario da «Epoieia Maldita», improvisou um elegante discurso, falando em nome daqueles da sua geração geração mártir da guerra que tombaram na hora ma s esperançosa de viver.

Norberto de Araujo, outro jornalista que Portugal conhece e admira, usou da palavra, primeiro para saudar Reynaldo Ferreira, em nome da Casa da Imprensa de que é digno Presidente, depois em seu nome, particularmente para relembrar os seus primeiros passos dados na imprensa, ao mesmo tempo que o homenageado iniciava a sua brilhante carreira — relembrando os mestres que tiveram, éle, Mayer Garção e L. Derouet e o homenageado Hermano Neves.

Mario Mendes, proferiu algumas palavras em seu nome e em nome da Empresa do Teatro Nacional. Falaram ainda os Srs. Dr. Campos Coelho, o ilustre advogado, que afirma a sua sincera admiração pelo talento do homenageado, cuja vida íntima conhecia o bastante para poder apreciar os seus excepcionais dotes de caracter. Belo Redondo, brilhante como sempre, lembrou a sua passagem recente pela

Alemanha, onde Reynaldo Ferreira realizou algumas interessantes reportagens. Dr. Mario Monteiro, escritor, jornalista e advogado fluente e sincero, afirmou tambem a sua admiração pelo homenageado. O Sr. Capitão Luna de Oliveira, artista distintissimo, duma sensibilidade requintada, falou a Reynaldo Ferreira em termos tais de sinceridade e apreço que o comoveram como à maioria dos presentes.

Raul de Carvalho, Maestro Frederico de Freitas, o ilustre Detective Baldy Belem, disseram tambem algumas palavras de amizade e



Um aspecto da assistencia

admiração pelo nosso Director. O Sr. Dr. Alfredo Cortez, convidado a falar, afirmou com um grande cunho de sinceridade que viera ao almoço de Reynaldo Ferreira, por razões de ordem moral e intellectual, muito íntimas — que não viera para discursar mas nunca deixaria de vir prestar com a sua presença uma tão justa homenagem.

A ilustre actriz Sr.^a Dona Emilia d'Oliveira disse então sentidamente, comeedoramente, do seu extraordinario apreço e admiração artistica pelo homenageado. Falando em ultimo lugar Beatriz Costa, nota exuberante de mocidade e alegria, disse do seu subido apreço por Reynaldo Ferreira e pela imprensa a quem — afirma — muito deve, e tem muito prazer em dizelo.

Reynaldo Ferreira levanta-se então, para falar, o que só consegue depois duma prolongada ovação.

Pede licença para começar pelo fim: por pedir para todos levantarem a sua taça pelas senhoras e ilustres actizes que vieram trazer os jardins da sua gentileza aquela festa. A seguir diz que cada individuo aprecia os banquetes à sua maneira: O director da Agencia Mercantile afirmava que o mais importante dos banquetes não era o que se comia mas sim o que se telegrafava aos jornais; para outros, os banquetes giravam à volta... das sandwiches; para éle, homenageado, era um ritual de almas, dispersas durante anos e que, reunindo-se garantiam mutuamente a sua «solidariedade» e desfaziam todos os pessimismos com que a lucta pela vida entoxica os mais fortes e optimistas, dando a errada visão de que não vale a pena qualquer esforço — porque não existem premios — antes pelo contrario: só existem trações, odios mesquinhos, invejas, deslealdades. Sobretudo os banquetes eram uma homenagem aos ausentes, e aos vencidos. Que só são vencidos os fracos? Não! Não basta ter um sonho digno e belo e o direito moral e intellectual de o realizar. É preciso ter uma força herculea para se defender dos falsos fortes, sem sonho, sem direitos, sem moral, sem intelligencia — que impedem a caminhada dos sinceros. Recorda então

os vencidos e os que ficaram pela estrada, mortos uns, mutilados outros, mais dignos da victoria do que a maioria dos que venceram. Para esses, a saudade. Mas ninguem se deve resignar: à derrota emquanto lhe restar uma pepita de energia. O unico orgulho que o anima é que, contra todos os ataques, todas as ciladas, de todas as traições, e apesar das horas amargas de desilusão, cansaço, de tristeza — éle continuou a lutar sempre; e se nunca venceu — não se considerou nem se considera um vencido. Quando os inimigos mais ferozes e desleais, espumam bilis, numa epilepsia de inveja ou de odio sem outra causa alem da de não conseguirem derrubá-lo da sua modestia — e resolvem esgrimir contra éle — só encontram uma acusação para o fulminar — uma só palavra para o esmagar: a acusação que só podia ser formulada por uma pessoa, pela unica victima — éle proprio — e que está expliada ante todas as consciencias pela dignidade em sangue que a motivou — teve como unica esposa — não poderem eles accusá-lo de ladrão, de traidor, de desleal, de deshonesto. Vencer é o dogma dos que detestam a escravatura; e éle que se tem vencido a si proprio nas horas de desanimo — ha-de vencer tambem esse «cabulo» — não pelos outros, que não lhe interessam mas por si proprio, porque nunca fraqueja nessa batalha. E se outros motivos não tivesse para se encorajar — bastava o abraço que lhe davam, naquela hora, os seus amigos. E terminando — disse:

Obrigado camaradas: vocês reunindo-se hoje comigo, convenceram-me que ainda vale a pena ser honesto e sincero. Obrigado — eu cá estou por todos — e havemos de voltar a reunir-mo-nos mais vezes. Até breve! Até sempre!

Estiveram presentes, entre outros, os senhores Major Oscar de Freitas, Inspector Geral dos Teatros, Arthur Portela, Dr. Antonio Pedro Martins, as ilustres actrices Sr.^{as} Dona Luiza Satanela, Maria Brandão e Ana Maria, etc. etc., tendo-se feito representar Sua Ex.^a o Sr. Embaixador de Espanha, Dr. Joaquim Manso, Pedro Bordalo Pinheiro, Dr. Sousa Gomes, Edward Schwalback, Manuel Guimarães, etc.

Foram recebidas cartas e telegramas, entre outras, dos Srs. Drs.: Afonso Lopes Vieira, Beirão da Veiga, Ramada Curto, Sacadura Cabral, Jorge Costa, João de Barros, Rocha Martins, Paulo de Brito Aranha, Antonio Ferro, Armando Boaventura, Ferreira de Castro, D. Palmira Bastos, D. Auzenda de Oliveira, D. Eliza Carreira, D. Georgina Cordeiro, D. Maria Clementina, D. Virginia Victorino, D. Zulmira Miranda, D. Virginia Quaresma, D. Dina Tereza, D. Filomena Lima, Antonio Pinheiro, Ricardo Covões, Alberto Barbosa, Antonio Augusto, Eduardo Schwalbach, Felipe Fortes, etc., etc., etc.

ANUNCIAR

NO

Reporter X

FOLHEANDO ha dias uma revista italiana, verificamos que o tão reclamado progresso do turismo não é um lugar comum como muita gente pensa mas, uma realidade que temos que aceitar, porquanto, nela encontramos estatísticas curiosas. Assim, durante o ano



findo, 1931, entraram em territorio italiano, nas suas estações termas, praias e logares historicos, cerca de um milhão de estrangeiros, das mais diversas nacionalidades.

Desta forma, se compararmos as numerosas viagens que hoje, facilmente e com todo o conforto, se realisam, com as que os nossos avós levavam a efeito após madura reflexão e ouvido o conselho de família que para esse fim era convocado e após a chamada do tabelião para que o respectivo testamento fosse lavrado, eram estas iniciadas com lancinantes despedidas e calorosos votos dum regresso nem sempre certo, pois era frequente o viajante renunciar a este, por tal forma o aterrorisavam as numerosas e por vezes quasi funestas aventuras a que tivera que submeter-se para uma simples deslocação de Lisboa ao... Porto.

Hoje, postas de parte as celebres e historicas «diligencias» e quasi fóra de uso tambem os automoveis, em breve considerados, ceramente, como velharias, dispõe-se de serviços rapidos de comboios, magnificos transatlanticos, aviões e dirigiveis, que reduzindo a poucas horas viagens que antigamente levavam numerosos dias senão meses a efectuar, permitem o desenvolvimento do turismo.

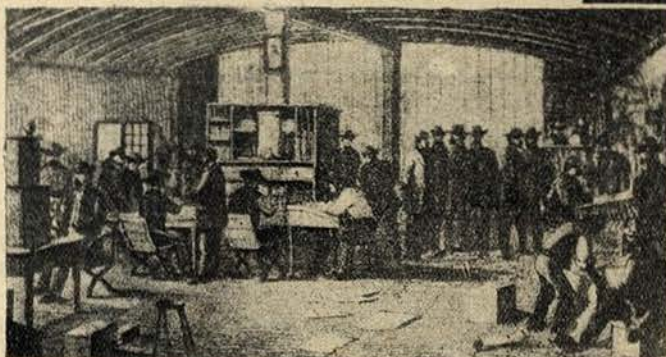
Entre outras curiosas estatísticas, notámos na referida revista as seguintes:

A primeira Agencia de viagens foi fundada nos Estados Unidos da America ha cerca de 80 anos, sendo seguida, 20 anos depois, pela conhecida Agencia Cook que nos seus primeiros tempos acusava uma receita bruta de 100.000 libras por ano, atingindo hoje 2 a 3 milhões de francos por mez...

Esta Companhia, que é actualmente um verdadeiro colosso do turismo, tem ao seu serviço e espalhados atravez das suas 100 sucursais, mais de 10.000 funcionarios desde o cicerone aos empregados

dos dos seus escritorios. A maior Agencia de viagens da Europa é a «Meiropole» na Alemanha, que cuja sede é em Berlim e que só no ano de 1929, em excursões que organizou, conseguiu deslocar quasi 2.000.000 de Alemães. A industria de viagens em geral, occupa só na Europa, entre Agencias, Companhias de caminhos de ferro, de navegação, cicerones e noutros serviços cerca de 1.000.000 (um milhão) de individuos.

Faremos notar que o país europeu que mais estrangeiros recebe, em relação à sua população, é a França, senão a Dinamarca o país, tambem na Europa cuja população mais viajantes fornece para o estrangeiro. Bastará lembrar que neste país por cada 10 dinamarqueses 2 saem todos os anos em viagem.



(Em cima): Os Cicerones de varias agencias de viagens reunidos na gare de Milão. (Ao meio): O viajante, vindo do outro extremo do mundo chega e encontra logo a saída do expresso, o Cicerone que o guia pela cidade desconhecida. (Em baixo): Visões das antigas viagens: 1. Uma das mais antigas agencias: a Smith Ltd. do Texas, que organizou em 1860 as caravanas aos aventureiros que iam à busca do ouro; 2. Um assalto dos indios a uma diligencia em pleno For-West (1840).

Vêr mundo...

O que a humanidade gastava, e gasta, a viajar

A primeira agencia de viagens conhecida.—Das caravanas aos expressos «Pulmann». — Quantas refeições fornece por dia a C. dos Wagons-Lits.—A historia da Cook.—200000 viajantes por ano.—A Italia, a Dinamarca, a França e Portugal. —

Aos Wagon-Lits e aos Wagons-restaurants se deve o progresso do turismo, ideia sugerida pelo celebre antigo cosi-



nheiro inglês, judeu, de nome Ritz, que tendo exercido o lugar de chefe das cozinhas em grandes hotéis de Londres, apresentou o seu alvitre de organizar carruagens especiais onde se podesse proporcionar o conforto de cama e refeições aos viajantes. Esta ideia foi repudiada pelas Companhias de Caminhos de Ferro a quem fóra apresentada e Ritz viu-se forçado, a ter que pagar um tanto para fazer atrelar aos comboios de grande curso as respectivas carruagens-camas e restaurantes.

Actualmente existem 5 companhias similares em varios países europeus, mas só a Companhia dos Wagons-Lits — hoje ligada à Cook — fornece diariamente uma media de 10.000 refeições aos seus passageiros, e camas, nas suas cabines, a 5 ou 6.000 por dia, o que representa uma receita diaria de mil e seiscentos contos...

Quem era e de que doença morreu a verdadeira Severa?



O conde de Vimioso, que foi amante da «Severa» e que Julio Dantas transformou em «Marialva»

A SEVERA. (!) como toda a gente sabe, foi uma pobre mulher de vida fácil que viveu na primeira metade do século XIX e da qual a literatura se apo-sou tomando-a como heroína de novela. Foram os seus escandalosos amores com o conde de Vimioso que a tornaram falada entre as ra-côas da Mouraria e a fizeram ascender à categoria de pessoa célebre. Sem essa picante aventura, a sua vida teria passado despercebida e apagada como a de tantas outras.

Foi o sr. dr. Julio Dantas quem, piedosamente, a agarrou pelos cabelos e a salvou dessa vida ignominiosa, fazendo-a morrer romanticamente a tocar banza nos braços do conde de Marialva.

Na ta disso, porém, na realidade se passou assim. Nem o conde era de Marialva, nem a Severa expirou nos braços do conde, nem uma doença do coração foi a causa da sua morte. Tudo criação literaria do romancista.

E' claro que não ceisuro o senhor dr. Julio Dantas, por ter respeitado os meliares da familia Vimioso e por ter morto a Severa de uma angina de peito ou lá do que quer que foi. A Literatura tem exigencias a que a vida raramente pode corresponder.

Diz a tradição popular que a Severa morreu de uma indigestão de borrachos. Já se viu morte mais desleigante para uma heroína de novela romântica?

E' claro que esta versão tinha de ser posta de parte. A única morte razoavel que se apresentava ao escritor, era, realmente, a produzida por uma doença do coração — órgão onde dizem residir o amor. Foi o que o sr. dr. Julio Dantas fez: matou a Severa com uma síncope cardíaca. Era mais prático e asseado. Com isto não perdia grande coisa o rigor histórico e a arte só tinha a ganhar.

Louvemos portanto o literato, muito embora tenhamos que contraditar o médico no seu diagnóstico.

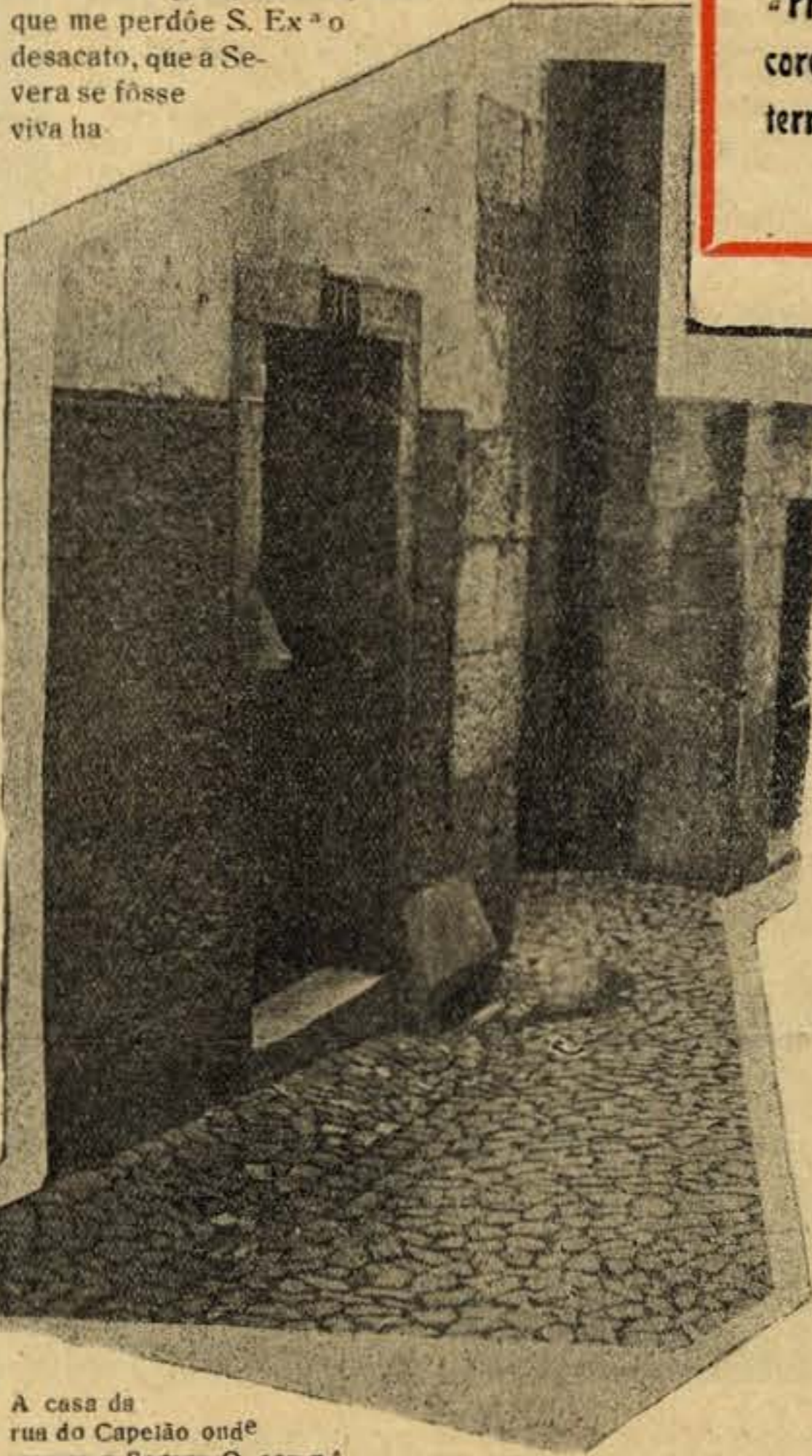
Não se trata, evidentemente, de uma contradição sob o ponto de vista científico.

Trata-se apenas de um erro histórico, chamemos-lhe assim, que, por intermedio do sr.

dr. Julio Dantas, tem corrido mundo e que é necessario corrigir — não para diminuir o valor da sua obra, mas por homenagem á verdade que é, segundo creio, uma coisa muito respeitavel.

Esse erro consiste simplesmente nisto: é que a Severa não morreu como a matou (literariamente, é claro) o sr. dr. Julio Dantas, nem como a estraflagou a tradição, fazendo-a patear de uma pancada de borrachos, possivelmente regados de abundante pinhaça, sabido como é que ela se pelava pela pinga e apanhava a meudo a sua respeitavel carraspana.

Isto não é muito bonito para uma heroína do sr. dr. Julio Dantas, mas que me perdõe S. Ex.^a o desacato, que a Severa se fôsse viva ha-



A casa da rua do Capelão onde morreu a Severa. O seu actual não condiz com o que figura no registo de obito da Severa, e de crer que tivesse sido alterada a primitiva numerção.

via por certo de premiar-me, quanto mais não fôsse com uma tamancada no tóxico, muito embora — diga-se de passagem — essa história do tãmanco, ao que parece, não ter existido senão na cabeça do seu illustre auctor.

Que a Severa era capaz disso e de muito mais, sabia-o toda a Mouraria do seu tempo

Pinto de Carvalho e Julio Dantas em desacato — O «Pica Latão» e o «Barriga d'Água» — O marquês de Angeja — A Rosa Maria, — Fidalgos devassos — A condessa de Basto e o major Barruncho — As amantes de Vimioso — Os amantes da Severa — A Severa, mulher fatal — A «Barbuda travesti» — A fadista assassina — A «Prêta da Pala» — O cabaret da Rosa Óculos — O «Saquinho» — O médico corcunda — O «Perico Espanhol» — O «do Casação» — Uma tourada em Salvaterra — A infanta Ana de Jesus Maria nupçada na Porcalhota — Desvende-se finalmente o misterioso morte da Severa.

e, muito especialmente, o «Saquinho» (um mariolão do sitio com quem ela jogava à pecaada e que morreu tísico) e o médico corcunda da visita sanitaria corrido com uma acha de lenha por ela e pelo bando de marafonas por ela recrutado.

Mas mesmo que as coisas se não tivessem passado como no-las apresenta a peça (desconheço o romance) a historieta tem pictoresco e visos de verosimilhança. De mais não necessita para justificar-se, literariamente. De resto o sr. dr. Julio Dantas fez uma peça e não um compendio de historia.

Do mesmo modo, e talvez com mais razão, se justificam todas as fantasias da Severa-filme, desde a Linda casa do estudio substituído o miseravel e inestético tugurio da rua do Capelão, desde a data em que principia no écran a historia da heroína (1847) data em que, por sinal, a Severa já não pertencia ao numero dos vivos, até à feliz imag-m da fogueira de Santo Antonio extinguiu-se ao mesmo tempo que a Severa agonizava, quando, afinal, a verdade historica nos veio agora dizer que

a famosa fadista se finou em pleno inverno. Mas o sr. Leitão de Barros, artista que eu muito admiro, ao passar por cima destes e de outros pormenores, não fez mais do que cingir-se à obra do sr. dr. Julio Dantas e por que lá tinha as suas razões de ordem tecnica e artistica para assim proceder.



Os azulejos que figuravam na casa da Rua da Amendoeira e que ainda hoje ali se vêem apesar do prédio ter sido restaurado

Mas vamos à historia da morte da Severa. A investigação final, tendente a estabelecer a data e a causa da sua morte, f-la eu não sem bastantes dificuldades, mas os subsídios que me fizeram empreendê-la, esses, deu-mos o sr. Pinto de Carvalho (Tinop) no seu livro «História do Fado» — precioso repatorio no qual não só a figura da Severa se acha nitidamente recortada, como toda a vida boémia do século XIX ali encontra a sua expressão condigna e rigorosa.

Sem acrescentar grande coisa ao que escreveu, o sr. Pinto de Carvalho apenas, de notavel, me revelou os nomes, ou por outra, as alcunhas das pessoas que lhe forneceram pormenores sobre a vida e morte da Severa. Foram elas, dois contemporâneos e visinhos da célebre fadista: O «Pica Latão» e o «Barriga d'Água», — o primeiro um aficionado e colaborador (embora apagado) das lides em que luziu galas o conde de Vimioso e o segundo um respeitavel caceteiro e rufião a quem a enorme barriga fez tomar hábitos pacatos e bonacheirões. Foram esses dois velhotes, — estabelecidos, um com uma latoaria na rua João do Outeiro, outro com um estanque e tabernoria na rua da Mouraria, — que contaram pessoalmente a Pinto de Carvalho que tinham visto levar a Severa numa maca para o hospital.

Não foi, portanto, sem bases, sem provas testemunhais, que Pinto de Carvalho — pessoa, aliás, respeitabilissima e proba — escre-

veu no seu livro: «A Severa adoeceu na sua casa da rua do Cepelão, á esquina do Beco do Forno, e foi conduzida ao hospital, onde se finou na enxerga de uma enfermaria especialista.» Não disse o autor de que doença foi, mas deixou-o entrever, dizendo que morrera numa enfermaria especialista.

Segundo o sr. Pinto de Carvalho, a Severa morreu, portanto, de avariose.

Mas neste ponto o sr. Pinto de Carvalho foi enganado pelo «Pica Latão» e pelo «Barriga d'Água», como o foi tambem o sr. dr. Julio Dantas ao que parece pelo invencioneiro marquês de Angeja, em cujos dados possivelmente se baseou.

Nem um nem outro autor acertou, porém, com a doença que victimou a famosa fadista. E ainda bem que o sr. Pinto de Carvalho foi mal informado a este respeito, porque realmente a Severa a apodrecer de sífilis numa enxerga do hospital vinha tirar toda a poesia á figura da heroína do sr. dr. Julio Dantas.

O que não sei — e agora é já difícil senão impossivel averigua-lo — é a razão porque os informadores do sr. Pinto de Carvalho dizen-

do-se contemporâneos e, para mais, visinhos da Severa, disseram que a tinham visto ser transportada de maca para o hospital, quando afinal nada disso se passou assim. E' realmente desconcertante.

Só encontro uma explicação para o caso: ou o «Pica Latão» e o «Barriga d'Água» falta-am á verdade iludidos por outrem ou confundidos com qualquer outra companheira da Severa (o que continua a ser algo incompreensível se bem que a Severa não fosse a pessoa célebre que depois se tornou) ou a Severa foi realmente levada de maca para o hospital por qualquer doença ou acidente (não me repugna acreditar que sofresse de sífilis, o contrario é que seria para admirar) mas em data muito anterior á sua morte, pois nos arquivos hospitalares nada consta a tal respeito em todo o ano que precedeu o seu falecimento, e neste caso voltou de lá e veio a morrer em sua casa.



A casa da Rua da Amendoeira onde morou a Severa e onde, á data da morte desta, habitava sua mãe, a «Barbuda».

(Continua na pag. 15)



Fala a Dactilografa

—Eu mal tenho tempo para lêr os jornais... e as notícias dos crimes arripiam-me.

—Que mal poderia fazer na vida o presidente da Republica Franceza—já tão velhinho, com o cabelo tão branco... Se fosse um rei que não pudesse ser substituído... mas um presidente, —confesso que não percebo.

—Quanto ao bébé Lindbergh... isso sim, li sempre com o maior interesse. Pobre mãe; crime ou acidente, como deve ter sofrido aquela desgraçada. Uma duvida— a certeza é sempre preferível— que durou tantos dias para trazer-lhe um des-nlace tão triste. Pobre mãe! O pai, esse é americano e anda sempre com a cabeça no ar... porque é aviador.



Caixeiro de mercearia

—...Doumer? Eu bem sei o que essas coisas são; como anda muita gente á boa vida são capazes de todas as loucuras. Se o assassino t abalhesse não tinha tempo para matar... Corja!

—Isso, do filho do americano é uma vigarisse... um negocio. O que não valeu foi deixarem morrer a criança que não tinha culpa nenhuma... Estou convencido de que foi crime.

Criada de servir

Criada de meninos. Sorriso engraçado e franco. Quando lhe disseram que ia tirar um retrato e falar para os jornais, ficou muito nervosa, qu-ria ir vestir o seu vestido de domingo...



Quando lhe falámos de Doumer, depois de lhe explicarmos quem era e como fóra morto, lembrou se de ter ouvido falar... mas não sabia de nada. Só disse: «Pobre velhote!»

Mas quanto ao menino pequeno que ti ha sido rouba o lá na America ou na Russia, lá nessas terras muito longe... isso sim, isso lembrava-se. Felizmente que ela era portuguesa e cá já não há homens, assim tão maus que roubem os meninos...

E aqui, o menino lindo e loiro, que estava no carrinho forrado de estojos macios e sêdas de côr amavel—como ninho seiozo de passarinho—entrou de protestar em altos gritos como se des jasse pe ir á criada que o não deixasse, e que não acreditasse na pureza dos homens da sua terra... que cá e lá...

Bombeiro Voluntario

—Doumer?—Um caso bolchevista, um caso de loucura?

Não sei. Foi, com certeza um barbaio assassino, um acto absolutamente inutil. Um velho, já tem a vida no fim, porque encurtá-la tão cruel e brusca?

...Lindbergh? Olha o contraste! No curio espaço de algumas semanas duas vidas notaveis que se crtam sem piedade. Uma criança e um velho—o principio e o fim. E o que ganhou o mundo, a civilização com estes dois crimes? Doumer foi assassinado por fanáticos idialistas?

O filho de Lindbergh foi vítima inocente da ganancia de bandidos? O homem quando mata assim, é digno de ser tratado como fera...



Garotos da Rua...

Garotos da rua... rapazinheiros espertos e vivos cujo contacto com a rua, onde todos se encontram torna-os senhores duma opinião propria, uma filosofia fortemente baseada na realidade da sua vida onde as necessidades, quasi desde que nasceram foram servidas ou



pelo seu trabalho ou pela sua esperteza «Crôa ou grexa!...»

—O' Pá o freguês não quer engraxar que tira-nos o retrato...

—Isso do filho do Lyndbergh é fita... isso é cinema... Lá o Francês que mataram é que a gente não sabe nada e quando ouve falar dessas coisas fica logo á espera duma



revolução e então é que é uma parodia; nunca falta de comer ne-ses dias!...

—Agora dê uma «leca» à gente ó patrão...

Criado de café

Quem não conhece o João... o João Franco da Brasileira?

reporter

entrevista toda a gente
sobre os dois grandes acontecimentos
mundiais da actualidade

- O que pensa V. da morte do presidente Doumer?
— Qual é a sua opinião sobre o rapto do filho de Lindbergh?



Um tipografo

...Doumer? Coitado, foi vítima da revolução que o mundo vive nesta hora... Aquilo ou é obra do capitalismo ou do anti-capitalismo — as duas forças que se batem na grande guerra actual.

...Lindbergh? Isso pouco interessa. É uma americanice. Crime ou não, a pobre criança parece que morreu... Se não fosse filho de Lindbergh e este não fosse rico... ninguém falava nisso e talvez não tivesse morrido tão cedo.

Chauffeur de praça

— Doumer? Lindbergh? Eu não devo nem posso falar em nome da classe — para isso poderia o senhor ouvir outros colegas meus, os da Direcção do Sindicato; mas como é opinião particular... aí vai:

Quando ao primeiro caso, estou convencido de que foi *encomenda* da facção conservadora francesa — douira forma se não pode interpretar pois o Presidente assassinado, era bastante avançado à moda dos burguezes e a Rússia não tem, certamente desejo em prejudicar as suas boas relações com a França; os outros sim, devem desejar criar dificuldades à Rússia.

— Quanto ao filho de Lindbergh... Parece que o pai por ser grande aviador se convenceu de que era capaz em terra de ver mais longe do que os outros... Quería o filho e o dinheiro, ficou sem uma nem outra coisa.

— Quiz enganar e enganou-se e agora queixa-se... que ficou na *penuria*. A pobre mãe é que não esquecerá nunca o filho perdido. Vive, porem, tanta gente na *penuria*

e morre tanta criança por esse mundo da desgraça que, confesso, este caso especial não me interessa senão como uma nota da *grande civilização* americana.

Policia sinaleiro

Sobre Doumer, diz-nos que deve ser «política» e como policia não quer nada com isso... Atento, sempre atento aos sinais — ora mandando avançar ora mandando parar, sentinela vigilante pelo bem dos outros — tantas vezes incompreendidos pelos automobilistas, que vêm nele um entrave para as suas loucas correrias — o nosso entrevistado vai nos dizendo ainda que sobre o caso do filho de Lindbergh ou que os jornais dizem é que deve ser verdade, ele como sinaleiro não pode saber melhor...

Oficial de barbeiro

Perto de 30 anos de officio... Quanta gente, pobre, rica, acaida ou não, honesta, desonesta, não tem ela, já servido na sua longa carreira...

...Doumer e Lindbergh? Sabe, cada cabeça sua sentença... e como eu aqui mexo em muitas cabeças oiço muitas sentenças... e o barbeiro para ser bom, precisa de ter sempre a opinião do freguês que serve.

— Mas como não somos, neste momento freguês a servir...

— A opinião predominante que tenho ouvido é que o caso do filho de Lindbergh foi uma americanice e que o caso do presidente da França uma malandrice... e sobre quem a fez só sei que não fui eu... Nisto entrou um «senhor que se segue»... e porisso ficamos por aqui.

Convivencia permanente com a boemia literaria e artistica lisboeta dá-lhe foros e direitos que nenhum outro possui na sua classe... Por isso um dia será Doutorado «Honoris Causa» e para tal já lhe não faltam todas as qualidades como se verá pelas lapidares respostas que nos deu... Aconselhando-nos a consulta ao dicionario — como qualquer Doutor teria feito...

...Lindbergh?

— São «oscilações» americanas...

...Doumer?

— São evoluções de «esterania» da actualidade.

Se os nossos leitores tiverem duvida sobre a interpretação a dar... vão ao dicionario ou o João que lhes explique ali na Brasileira.

Uma senhora de maior respeitabilidade

— O Mundo hoje está tão diferente do que foi... Vêem-se coisas que nunca as pessoas da minha geração — sonharam sequer ver...

— O caso do bebé Americano é tão disparatado e triste que me custou a acreditar. Tenho filhos crescidos e Deus sabe como sóro por eles, pelos seus sucessos bons ou maus — pela sua saúde — pela sua felicidade. Mas tenho netinhos tambem a quem adoro, e lembrar-me de que ha homens capazes de, por interesse, roubarem e matarem friamente meninos tão bonitos, — é de perder a cabeça... Pobre mãe a quem isso succede; como não estará essa pobre senhora Lyndbergh...

... Doumer?

— O mundo está enlouquecido. Para que mataram o pobre homem que parecia ser tão bom, tão amigo da sua familia?

Isto parece que está tão louco; andam zangados os homens todos uns com os outros e se lhes perguntarem a razão... talvez não saibam responder, pelo menos a maior parte deles.

Este número do «Reporter X» tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$00 e foi visado pela Comissão de Censura

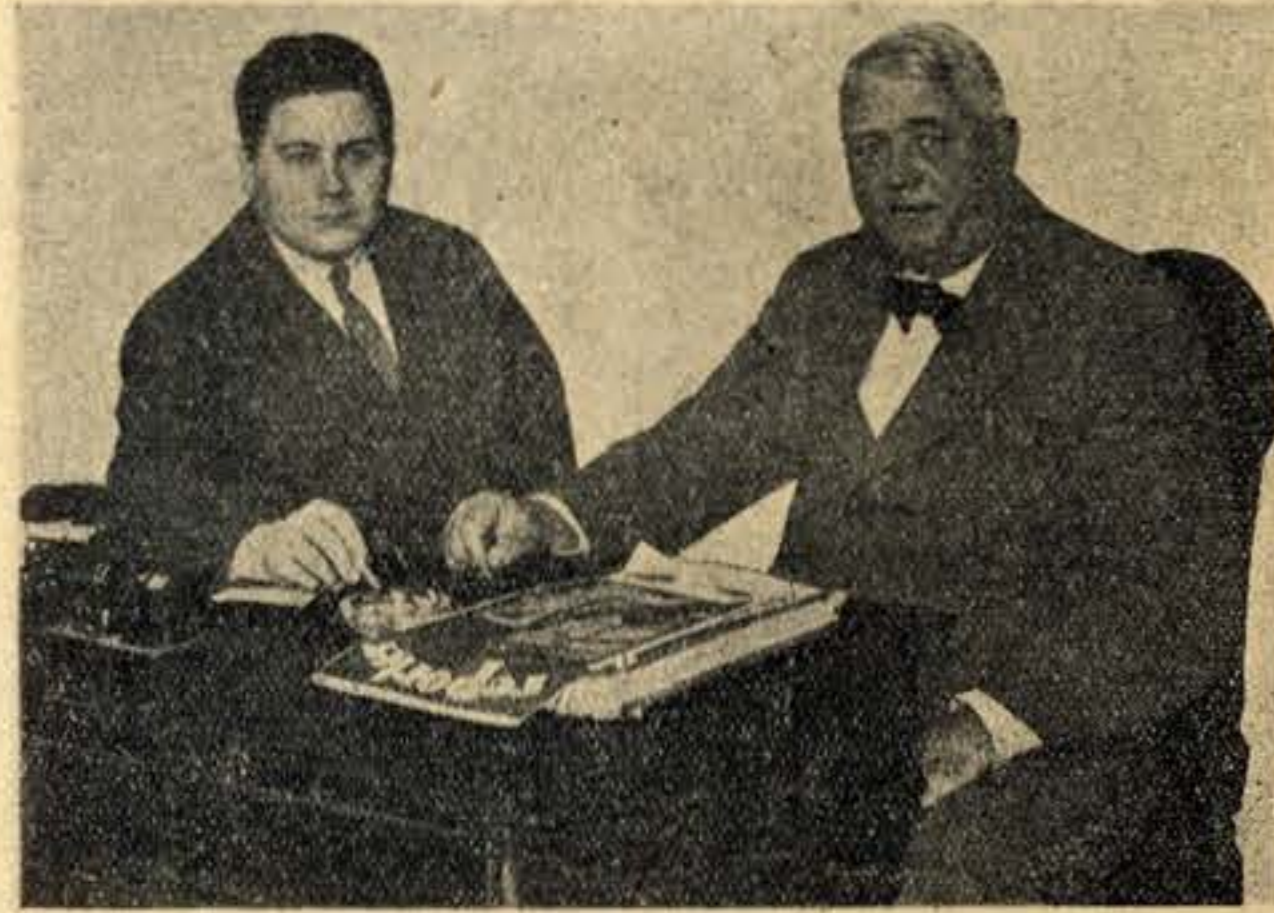
Aventuras extraordinarias d'um Globe-Trotter

Mr. Lancaster continua relatando ao "REPORTER X", a sua aventureosa vida

O cemiterio dos Elefantes — Agradavel surpresa —
Australia Terra de Promissão — Negociantes da Mizeria...

Resumo do Capitulo anterior: Embarcado em Cape-Town no «Bombay» este navio afunda-se n'uma grande tempestade ao largo da Costa Africana. Mr. Lancaster salva-se quasi milagrosamente devido á intervenção d'um seu companheiro de viagem de nacionalidade Portuguesa. Encontra-se, sem saber como n'uma ilha para onde outros dois companheiros de viagem foram arrastados. Mr. Lancaster ficou possuidor d'um segredo valioso; O seu salvador português confiou-lhe em segredo: O local onde está o maior cemiterio dos Elefantes d'Africa.

Quando entramos no Porto de Zamzibar, a bordo do cruzador ligeiro inglês que nos recolheu eu quasi lamentava a triste sorte de me terem salvo! Confesso; fraquejei nesse momento. O pouco dinheiro que possuira — ganho á custa de tantos trabalhos — afunda-



Mr. Lancaster, distinto jornalista e detective inglês, (á direita) falando ao nosso redactor sr. Lupi

ra-se, perdera-se com todos os meus magros haveres, no terrivel naufragio. As autoridades Britanicas iam certamente auxiliar-me mas...

Acarinhado o mais possivel pelos compatriotas que viviam em Zamzibar nada me faltou desde a hora em que desembarquei. Animado já por tão boa e auspiciosa recepção propunha-me organizar uma empresa — numa especie de trust para organizar uma viagem ao Alto Zambeze, descobrir e explorar todos os Cemiterios de Elefantes, d'Africa Austral. Isto que á primeira vista parece disparatado, creia que era e... é negocio

ainda. Ha dezenas de bandos de Elefantes — verdadeiras tribus que contam muitos milhares de membros — que, a-pesar-de viverem, numa longa vida, essa tem seu termo. Pois nunca até hoje foi possivel encontrar um unico elefante morto de morte natural! Sabe-se — porque assim reza a lenda e é logico imaginar — que existem vastos cemiterios d'estes animais para onde se encaminham mal presentindo a proximidade do fim. Imagine-se a quantidade de marfim que existe nestes reconditos lugares?!

Compromei-me a não divulgar o segredo que o meu companheiro de viagem português me confiara — se ele sobrevivesse ao naufragio mas... coitado, fôra certamente traçado pelo mar bravo, quando generosamente se desfizera do seu «salva-vidas» para me salvar e á creancita que eu tinha nos braços.

Tudo caminhava bem no sentido de organizar a aventureosa empreza quando numamanhã, nas vesperras da data aprazada para a iniciação da viagem, fui surpreendido por uma carta, datada de Quelimane, que me era dirigida nos seguintes laconicos termos: «Se não divulgou ainda completamente o segredo que lhe confiei, principalmente as duas palavras que são a chave do mesmo segredo, peço-lhe que não se esqueça do seu compromisso.

Desistindo de seguir para a India resolvei iniciar a empreza imediatamente. «Peço-lhe aceite o cheque que junto de £ 250, para o compensar dos seus prejuizos. Se eu fôr bem sucedido lembrar-me-hei de si. Agora desejava saber que embarcou para o oriente e que não mais procuraria saber noticias minhas.»

«Conto consigo... A, da Silva.» Escusado será dizer que não hesitei em desistir imediatamente da minha projectada empreza.

Expliquei conforme pude a minha desis-

(Conclue na pag. 15)

O homem que "brincava" em Lisboa com a T. S. F.

A PESAR dos factos que preambularam este enigmatico affaire datar-se de ha quasi um ano — foi em Setembro de 1931 — eles devem estar ainda em alto relevo na memoria de alguns. O extranho fenomeno, que de inicio passou sem aleriar ninguém, tomado por uma traquinice... *arteziana* e que por fim, pela insistencia e pela revelação e nitidez da sua aparente gravidade al-orçou e intrigou toda a gente — é conhecido, entre os senfilistas que melhor o recordam pelo cab-c'ho de «O homem que brincava com a T. S. F.»

Mas como nem todos os nossos leitores possuem em casa um aparelho de radiofonia — ou o possuíam nessa época; e se o possuíam é possivel que padecem de amnesia e não se lembram já desse repetido episodio — somos obrigados a reconstituí-lo em toda a sua minucia.

... Aos primeiros dias de Setembro de 1931 — á hora em que os mais entusiastas da T. S. F. se refastelam num *mapple*, junto ao aparelho e cruzam a mão sob e o ventre numa voluptuosa expectativa de boa musica — notaram que os curtos intervalos do programa, geralmente occupado por um rapido mo ologio do «speaker» eram interrompidos, uma, duas e mais vezes por noite por uma outra voz mui diferente que fanho-a e precipitadamente formulava algumas palavras desconexas, incompreensíveis. E logo a seguir, a voz do intruso sumia-se e a do *speaker* reaparecia muitas vezes, comicamente, pronunciando a ultima sílaba de um vocabulo ou a ultima palavra de uma frase. Arrpiavam-se os senfilistas — mas era tão efemera essa interferencia que — não lhes deixava tempo a reflectirem ou a telefonarem para o posto. Mas houve alguém que, ante a repetição do fenomeno, resolveu telefonar ao posto; e este a varios senfilistas conhecidos — e mutua consulta despertou — as aienções dilatando a curiosidade... Não se tratava de um fenomeno conhecido ou medido — mas sim de uma intervenção voluntaria. Tinha até todo o aspecto de uma experiencia — visto que, (os tecnicos afirmam-no) se o in ru-o quizesse tornaria facilmente nitidas as palavras que pronunciava e que não se compreendiam. Mas, o que intrigava não era a sua oportunidade: quem quer que fosse devia possuir — naturalmente! — um aparelho receptor e portanto sabia quando devia ou lhe convinha intervir; dispunha tambem dum aparelho transmissor, regulava-o de forn a a aingir e a sobrepor-se á voz do *speaker*. O verdadeiro mente desconcertante era o *porquê*, o *objectivo*, o *interress* do indíviduo que empantava tempo, energia, estudo e até a apitel numa empreza clandestina e incompreensível.

E tinham os espiritos girando em redor desta charada; havia já quem insinuasse prodigios sobre naturais ou represalias de al mutumulo quando a misteriosa voz, continuando a periodica interferencia, sem repouso duma unica noite, se resolveu a falar claro. Mas ao contrario do que podiam s por esta clar za, em vez de tren parentar o sentido das palavras pronunciadas — tornava-as mais confusas, impressionantes — inalcancáveis no conjunto; inalcancáveis como o alvo de quem as aizia.

Devemos ao sr. Alberto Gouveia — um dos bons senfilistas de boa memoria a exactidão das datas. Foi no dia 3 ou 4 de Outubro que o inigmatico cavalheiro, abafando as communições do *speaker*, desabafou a primeira

Um fenomeno intrigante. — O alarme dos senfilistas alfacinhas em 1931. — Charadas humanas. — Um «tipo» dos clubs. — O Dr. Matuto. — O segredo do Dr. Matuto. — O apelo desesperado. — A tardia

... victoria ...

confidencia-charadistica. «Acabam de ouvir a «Marcha Nupcial de Mendelson...» — informava o *speaker* quando o tal intruzo, apoz uma rapida esfuçada de ruidos enervantes sobrevevo a sua voz, exclamando:

(*lá posso a chave dos dez mil contos. Venha cinco horas qualquer dia local ultimo encontro*)

Facil é deivisionar as carrancas dos que se sentiam ainda embalados pelo ritmo místico e triunfal da musica de Mendelson e aguardavam, impacientes, o numero seguinte do programa. Que queria aquilo dizer? Os poucos que não estavam já de sobreaviso, alarmados com as anteriores e inexplicaveis intervenções daquella voz — talvez julgassem que o *speaker* tivesse enlouquecido, disparar-lo. Os outros — pelo contrario, pularam dos seus *mapples* telefonaram, discutiram... Mas logo na noite seguinte, novo rosario de vocabulos desalinhavados e inatingíveis pelo mais agudo dos charadistas.

«Faltou tu lá estílo. Seria por não ter ouvido, por não ter compreendido ou por não lhe interessar? Olhe que são cinco mil contos para si num mez. Continuo a aparecer. Lembre-se do Matuto.»

Estas frases foram divididas em dois intervalos de cada vez e repetidas tres vezes nessa noite. E todas as noites surgia o intruzo como o seu minuculo discurso á *surprise* — que é hoje impossivel registrar integralmente. Do que se recordam ainda é da sua ultima aparição — na noite de 25 de Outubro e apoz 22 ou 23 lenga-lengas — todas diferentes mas igualmente inalcifráveis. Eis o que elle disse da ultima vez:

«Então não quere metade da fortuna que ofereço? Encontrel a chave que serve. É infalivel e basta um mez para honrada e facilmente receber metade. Esteve impaciente. Não sei onde V. se encontra. Ninguém sabe. Apareça amanhã.»

No tempo em que era absolutamente prohibido jogar em Lisboa — ou seja na época em que funcionavam, na capital, algumas duzias de tavolgens mandanas — não existia jogador de boa fé, batoteiro, *croupier* ou *rato* de bato.a que não conhecesse o sr. dr. Pita de Sá, alcunhado, no meio, pelo *soubriquet* do «Dr. Matuto». Era ao que parecia, formado em matematica, filho de boas familias — e da antiga abastança, da educação que recebera, de tudo o seu passado ap-nas restava um pouco de ap-umo, alguns fatos no fio e um espirito falcante e culto. O resto, fora tudo esfarelado, reduzido a pó, deluido sobre os

tapedes verdes da muita jogatina. Restava-lhe mais alguma coisa: um irmão mais velho (o Dr. Matuto orçava ne-se periodo — 1918 a 1925 — uns quarenta anos que deviam ser quarenta e sete quando a livre batota cl-inde-tina sofreu uma completa metamorfose. Esse irmão, ao ve-lo na miseria e incapaz de o desin oxicar do maqueavelico vicio, decidiu, generosamente, pagar-lhe pensão e quarto num hotel do Chiado, contos de alfaiate uma vez por ano e uma mensalidade x para tabaco e extravagancias — x esse que era, já se vê, engulido pelo dragão das bancas e da roleta, logo na primeira noite. O resto do mez passava-o elle sstrandando á volta dos jogadores por arruinar, tomando apontamentos, gatafunhando em livros de capa de oleado, e falando sosinho pelos cantos das salas. Um dia já quando a jogatina ag-nisava em Lisboa, o Dr. Matuto travou r lações com um rapazote simpatico, inteligente, lido e est-dioso, recém-formado que aparecia nos clubs não para arriscar os magros ganhos da sua profissão (era pobre e começava uma carreira que

martingala — e que, sem o menor risco material ou moral conquistava rapidamente uma fortuna. Então, sim; sem hesitações dedicou-me hia a esse *negocio* — embora me seja inuitivamente... aborrecido jogar — mesmo a bisca a feijões, com a familia...»

Os olhos do «Dr. Matuto», baços, ensandados, desiludidos — faulharam numa súbita viveza: «— Ha dez anos que busco a forma, o segredo, o ritmo da *arimã* — conferenciava o jogador. — Como sabe a matematica poucos segredos me of-rece. O que eu procuro é semelhante á p-dra filosofal dos alquimistas, ao *moto continuo* dos engenheiros: o *ritmo da arimã*, a pontaria infalivel, trinta plenos numa noite — dez mil contos ganhos num mez... Ah! E' ainda o que me dá animo para aguentar a vida. No dia em que me convencer que não conseguirei descobrir essa chave da fortuna, que nunca mais sairei desta miseria parda — nes-e dia vou viajar pela Eternidad...»

Pouco depois fechavam todas as tavolgens lisboetas: os poucos «comboios» ou bancas clandestinas que tinham em erms s veramente perseguidas e a regulamentação estava ainda em esboço.

O Dr. Matuto come, ou a procurar sofregamente por toda a parte o seu jovem amigo. Vinha transtornado, ofegante: «Ouça: era minha tenção aproveitar



apenas lhe permitia viver com decencia) mas sim para satisfazer um capricho sentimental. (Os leitores vão-nos perdoar que ocultemos o nome desta segunda prersona-g m escrípulo que não tivemos com o «Dr. Matuto» — pela simples razão que este já descaça na paz eterna e aquel vive, felizmente e tem familia a quem deve — e nós tambem — o máximo respeito).

Uma franca simpatia os aproximou — apesar de certa distancia moral que os distanciou. Mas no findo conpreendiam-se, transigiam mutuamente, e, sobretudo, admiravam-se — porque eram ambos — já o dissemos — cultos e inteligentes. Quando certa noite o Dr. Matuto perguntou ao seu novo amigo porque não jogava, esse, depois de lhe confidencia-r as razões economicas da sua abstenencia, acrescentou: — «Alem disso — o jogo não me atraiem sequer me emocionam. Não compreendo — porque não sinto — que haja quem se d-sgrace á roleta ou ao *bacarat*. Só en-raria no jogo — como *negocio* mas *negocio* infalivel e legal. Sopunhamos que inventava uma formula — uma

eu só do produto da minha descoberta e de queimar toda a papelada a seguir para que mais ninguém — nem eu proprio — pudesse repetir a proeza. Atingi, na madrugada de ante-ontem e após centenas de viglias, o *portico* do segredo. Estou a caminho da luz — juro-o em nome da matematica. Quanto tempo gastarei ainda para completar o que me falta? Dias?... Mes-s?... Anos? Ignoro — mas sei que estão a caminho. Dez mil contos, num mez... Em Portugal, é impossivel. Só num grande centro de jogatina... S. Sebastian? Monaco? Talvez em certas zonas italianas ou alguns clubs londrinos. Isto farei eu — pois. O indispensavel é o capital. Quanto? Uma m seria... Vinte ou trinta contos bastam. Mas não os tenho — nem possibilidade de os arr-njar. Não seria talvez dificil encontrar um socio entre os do «mili-u» da batoia — mas não quero! Não devo! Só me ligaria com

um homem como você — um não jogador, uma pessoa fora do meio, um homem decente, incapaz de se embriagar com a vitória ou de faltar às cláusulas do contrato. E o contrato seria o seguinte: Você financiava-me e acompanhava-me durante um mês; e não este prazo dividiam-se os lucros: 5000 contos para cada um e um aperto de mão.» O jovem respondeu: «Já lhe disse, doutor, que não sou rico, que vivo exclusivamente do meu trabalho. Mas tenho, de facto, possibilidades seguras de conseguir um empréstimo de 50 contos—ou mais. Seja dentro de dias seja dentro de anos—esteja eu onde estiver logo que V. alcançar a chave infalível do seu plano — procure-me...

O caminho a percorrer era mais longo do que o dr. Matuto visionava. Foram preciso anos de ininterrupto trabalho. Mas o dia da vitória chegou—chegou em agosto ou setembro de 1951! Durante todo este tempo, sem deixar de trabalhar — e pensar no seu futuro socio—nunca mais o procurou ou se esforçou por seguir, a distancia, a trajetória da sua vida. Soubera que o pobre moço cometera a loucura de agredir, a tiros de pistola, um falso amigo que tentou contra a sua honra, que sofrera uns meses de prisão, que se ocultara de tudo e de todos. Começou então o calvário da impaciência para o dr. Matuto. Bateu a todas as portas, pôz á prova todas as amizades e todos os recursos: ninguém sabia o que era feito do seu jovem amigo... Quando, no auge do desespero, ia abandonar a caça — conquistou esta minúscula informação: o pobre moço, mudará de nome, casará pela segunda vez e refugiará-se numa quintarola — não se sabia a onde — mas perto de Lisboa. O informador possuía esses dados porque lhe falara, havia tempos — ao vender-lhe um aparelho de T. S. F...

Nas pressas, no nervosismo em que se encontrava o dr. Matuto — só viu um caminho rápido e recto de comunicar com o seu socio: a T. S. F... Mas para fazer uso da rad'io-telefonía, sem perigos de indiscrições que levantassem suspeitas sobre o seu segredo ou que revelassem o que o que o seu jovem amigo desejaria ocultar á sua família ou aos seus amigos—era preciso toda uma organização.

Onde e como o dr. Matuto conseguiu instalar o seu aparelho transmissor—não o sabemos. Sabemos sim que o seu jovem amigo só o ouviu ou compreendeu que o chamavam — na noite em que o matematico falou pela ultima vez. No dia seguinte, á hora marcada, estava no local do ultimo encontro — seis anos antes — á porta do Hotel Borge, no Chiado. O dr. Matuto estava alquebrado, livido, febril, e foi tão forte a emoção ao reconhecer o seu socio que este chegou a temer uma síncope. Oito dias levaram a preparar-se para a viagem. Partiram para um grande e facil centro de jogatina — e logo na primeira noite comprovou-se a infalibilidade da complexa e sábia martingala ganhando sempre e quanto quiz ganhar. Ao regressarem ao hotel o dr. Matuto sentiu-se mal. O seu coração, gasto por tantas sensações violentas, não aguentou a da victoria plena da sua propria descoberta. Pediu ao amigo para chamar um medico. Quando o amigo voltou ao quarto acompanhado dum clinico, já o desgraçado não existia... Na meza de cabeceira fumegava ainda uma pirâmide de cinzas... O dr. Matuto, ao sentir a morte quimara o caderno dos seus calculos. Levava com ele para a cova o segredo da sua martingala—a obra prima do seu espirito e da sua cultura de matematico — tão tardiamente alcançada e de que ele não queria que mais ninguém se aproveitasse.

E quem folhear a colecção dos diários, encontrará no «Seculo» daquela data a seguinte noticia: «Londres, 15 — Victimado por uma doença cardíaca, faleceu hontem num hotel de Oxford Street o cidadão portuguez dr. Ricardo Pitta de Sá, muiito conhecido nos meios bohemios de Lisboa».

Brevemente:

Obras do «Reporter X»

A DAMA DO SUD

(Romance extraído do drama do mesmo titulo)



A Noite 70.002

Romance policial

As Sombras do Banedo

Romance de misterio

E NOVAS EDIÇÕES, brilhantemente ilustradas
dos seus maiores exitos literarios;
(completamente esgotados)

Homens do Dia; Mulheres de Noite

(Reportagens sensacionais sôbre Raquel Meller;
Mata-Hari; Rasputine; Lenjine e Mussolini)

VIRGEM DO BRISTOL

(Romance)

O Taxi 9297

(Romance policial)

BREVEMENTE:

Edições «Reporter X»

Quem era e de que doença morreu a verdadeira Severa?

(Continuação da pag. 9)

Tudo isto, porém, são meras suposições, porque de positivo, apenas averigüei que a Severa morreu na sua casa da rua do Capelão. Sobre este ponto ganhou, portanto, a hipótese literária do sr. dr. Julio Dantas em detrimento da versão histórica do sr. Pinto de Carvalho.

Antes, porém, de empreender nos arquivos hospitalares e poroquiais a busca dos documentos referentes á morte da Severa, desfaçamos com a preciosa ajuda do sr. Pinto de Carvalho, alguns erros que correm a respeito da decantada fadista.

A Severa não é cigana. Nasceu na Madragôa e era filha de um taberneira, — a «Barbuda». Já nesse tempo batia o fado com os frequentadores da esp-lunca. Depois foi com a mãe para o Bairro Alto onde se demorou pouco tempo, estabelecendo-se por fim na Mouraria.

A «Barbuda», mulher temível que tinha barba como um homem, era «trigueira e mal encarada — um estafermo».

A filha, cujo verdadeiro nome era Maria Severa, era, ao contrario, uma bonita rapariga, alta, branca, bem lançada, insinuante, uns olhos negros, profundos como dois abismos. Era das raras mulheres que fumavam naquele tempo.

Morou num primeiro andar da rua da Amendoeira, numa casa do conde de Vimioso e depois numa loja da rua do Capelão, (também chamada a rua *suja*), casa que ficava á esquina do Bêco do Forno. Em qualquer destas casas nunca pagou renda. Ela lá encontrava maneira de fazer calar os senhores...

A «Barbuda» vestia-se ás vezes com a farda do amante, o guarda nacional «Joãosinho», e vinha passear para a rua. A Maria Severa andava beberricando pelas tascas do sitio, onde cantava e batia o fado. Viviam as duas, mãe e filha, sob o mesmo tecto em franca e impúdica promiscuidade bordeleira.

Eram companheiras da Severa, a «Preta da Pala», a quem um velho tirara um olho com uma sovela e a Maria da Silva, que degolou outra por causa de um soldado da Guarda Municipal. O «Perico Espanhol», também companheiro da Severa, «foi morto ás portas de Santo Antão, num domingo, em que montado num burro, voltava da feira do Campo Grande».

A Rosa Maria, da rua do Capelão, tinha um amante, soldado artilheiro, que se escondia debaixo da cama, para atacar e roubar os incautos que tinham a infelicidade de cair naquele antro de ladrões.

Nesse tempo a rua da Amendoeira e cercanias era, um perigosissimo fóco de desordens sangrentas, raro sendo o dia em que não era teatro de uma tragédia.

Mas não só por esta gentalha era fre-

quentada a Mouraria. Bastantes vezes as rondas dos «chuços» topavam à noite com séges de gente grada que ali ia, ao que parece, em busca de prazeres e aventuras inconfessáveis.

Entre outras altas individualidades, foram reconhecidos pela ronda, o conde de Mequitela, o oficial do gabinete do conde de Basto, o juiz de Ajudá e Mina, a con essa de Basto seguida de perto por um cavaleiro vestido à militar, que não quiz parar nem à voz de *da parte de S. Magestade* e que era o major Barruncho, e a é o próprio ministro da Justiça.

Antes de encetar os amôres com o Vimioso, a Severa tivera como amante o «Chico do 10», repaz do sitio que fôra da tropa, o qual ao vêr-se trocado por outro no coração da fadista, esperou o rival e assassinou-o à navalhada na rua do Capelão.

Foi nesta altura que o Conde a procurou, talvez atraído pela sua fama de mulher fatal. O Conde ia busca-la frequentes vezes de sége com o seu companheiro de paródias, o exímio fadista «Sousa do Coração», sargento de Sapadores, autor de vários fados, entre êles o que dedicou à amante do seu amigo e ficou conhecido pelo «Fado da Severa». Apeavam-se os dois à entrada da rua do Capelão e iam procurar a Severa a sua casa, não raro indo encontra-la na taberna da Rousaria dos Oculos, onde, já bêbeda, cantava e batia o fado, pagando vinho a quem queria.

Herculano Pereira.

(Conclue no proximo numero)

NOTA DA REDAÇÃO

(¹) O sensacional artigo que o nosso illustre colaborador sr. Herculano Pereira nos oferece hoje — estava ha muito anunciado e prometido. Nas vespersas dele nos; ser entregue, o joven jornalista, sr. Manuel Matos propoz-nos uma reportagem retrospectiva sobre equal personagem — a «Severa» — embora focada e revelada sobre aspectos diferentes. Como a lealdade é para nós um dogma — aguardamos a pena do sr. Manuel de Matos para prosseguir o assunto.

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMOVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela, 11-2.º

Aventuras extraordinarias d'am Globe-Trotter

(Conclusão da pag. 12)

tencia aos futuros consocios e embarquei para o Oriente, deixando em Zamzibar alguns amigos convencidos de que o naufragio me não deixara completamente bom da cabeça...

A chimera do Ouro

Cêrca de dois mezes mais tarde desembarcava em Port-Darwin, na Australia, com um grande grupo de emigrantes a que me juntara em Singapura. N'aquele tempo estava o Reino Unido empenhado em povoar as suas colonias distantes. Assim se prometiam todas as facilidades aos emigrantes e não ha duvida que algumas nos eram dispensadas.

Havia de tudo n'aquelle bando humano em que ingressei: Filhos insubordinados de poderosos senhores de Inglaterra, ricaços arruinados nos Turfs; comerciantes falidos, cadastrados perigosos... meros emigrantes d'aventura e d'ambição como eu.

Era uma campanha. Era um exercito que ia para a guerra de conquista... do ouro. E como nas velhas campanhas, nem faltavam os corvos prontos a saltar sobre a preza, vencedora ou vencida e levar-lhe o melhor do seu esforço... era o grupo de judeus, soturnos filhos d'Israel que se imiscuiam n'estas grandes *levas d'aventura*.

Embarcavam tão pobres como os outros mas raro regressavam desiludidos ou vencidos como a maioria dos seus companheiros.

É que eles não entravam na luta — não iam combater com os mil perigos do deserto e as mil traições que a natureza reserva aos seus exploradores. Os guerreiros foram sempre malbaratados e imprevidentes. Alguem havia de se contentar em não desejar descobrir ouro — ouro a rôdos — que o enriquecesse em poucos dias ou semanas — limitando-se a ganhar pouco a troco dos inestimaveis serviços comerciais que iam creando e tão necessarios eram... E assim, longe da linha de combate, lá bem na retaguarda do exercito eles acabavam por ser os verdadeiros vencedores porque se contentavam com pouco... de cada vêz.

Confesso que como bom irlandez-catolico, nunca simpatisei com essa raça. Mas faço-lhe a justiça de a considerar poderosa e que a sua acção comercial foi por vezes preciosa na exploração de novas terras... Tinham tudo, arranjavam-nos tudo quanto nos era preciso... sempre que tivéssemos dinheiro para lhes pagar.

Desde a mais recente *Magazine* á possibilidade d'um galanteio amoroso com qualquer emigrante que acabava de chegar e... já não encontrara o marido.

— Eram uteis, ás vezes, esses *negociantes* da miseria...

(Continua no proximo numero).

BREVEMENTE

61377



A

«NOVELA

POLICIAAL»

DO

«REPORTER X»

COMPLETAMENTE

REMODELADA